

Na era das máquinas: o declínio do boia-fria¹

Leonardo Ruiz GALLAN²

Eliel Silva de ALMEIDA³

Nathalia Cabral ANDRADE⁴

Renata Pereira CANALES⁵

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

RESUMO

“Na era das máquinas: o declínio do boia-fria” discute as consequências ao município paulista de Pontal, a 40 quilômetros de Ribeirão Preto, decorrente à interrupção do corte manual da cana-de-açúcar. A cidade recebia milhares de cortadores de cana por ano, o que aquecia o comércio. O documentário aborda ainda as implicações da substituição do cortador de cana pela máquina. Muitos boias-frias não conseguem ser recapitados e deixam claro o medo do desemprego e a falta de expectativas de trabalho futuro. O produto audiovisual, elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) durante o ano de 2014, teve como base a linha de representação social e visa despertar o espectador para o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Cana-de-açúcar; cortadores de cana; desemprego; documentário; Pontal.

1 INTRODUÇÃO

As primeiras mudas de cana-de-açúcar foram trazidas para o Brasil por Martim Affonso de Souza, em 1532. Na capitania de São Vicente, ele construiu o primeiro engenho de açúcar, denominado “Governador”.

Brandão (1985) relata que, nos primeiros tempos de colonização, as outras capitanias começaram a receber orientações dos colonos portugueses para cultivar a cana-de-açúcar. Foi no Nordeste do país que a cultura se expandiu, devido às características climáticas favoráveis e aos solos férteis. Por volta de 1550, apenas Pernambuco já tinha 23 engenhos.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e televisão

² Aluno líder do grupo e estudante, em 2014, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: leonardo.ruiz@globo.com.

³ Estudante, em 2014, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: almeidaeliel@gmail.com.

⁴ Estudante, em 2014, do 8º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: nathaliacabralandrade@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, e-mail: renata.canales@baraodemaua.br

Com o passar dos séculos, a cultura canavieira passou por altos e baixos no Brasil. Foi durante a crise de 1929, porém, conhecida como a Grande Depressão, que o segmento voltou a se fortalecer. Durante a crise, os Estados Unidos, maiores compradores do café brasileiro, passaram a importar menos, o que resultou na queda dos preços do produto. Para que não houvesse uma desvalorização excessiva, já que somente a produção do Brasil conseguia, sozinha, abastecer o mercado mundial, o governo brasileiro comprou e queimou toneladas de café. A oferta foi diminuída, fazendo com que fosse possível manter o preço do principal produto brasileiro da época. Mesmo assim, muitos fazendeiros decidiram diversificar suas produções, investindo em outros setores e culturas, entre elas a cana-de-açúcar.

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, as usinas paulistas reivindicaram ao governo incentivo para o aumento de suas produções. Com a solicitação atendida, o resultado foi um rápido desenvolvimento dessas usinas que, ao longo de uma década, multiplicaram suas produções. No início da década de 1950, elas ultrapassaram a produção do Nordeste, encerrando, assim, um longo período de hegemonia produtiva daquela região.

Durante a década de 1970, o presidente Ernesto Geisel começou a buscar alternativas para estimular a produção do álcool, visando atender tanto ao mercado interno quanto ao externo. O resultado foi a criação, via Decreto Presidencial, em 1975, do Programa Nacional do Álcool (Proálcool), que alavancaria o desenvolvimento de novas regiões produtoras, como o Paraná, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Em 1989, o setor sucroalcooleiro passou por uma nova crise, a de desabastecimento do álcool, causada por uma combinação de desestímulo à produção e de estímulo à sua demanda. Esses fatores provocaram a falta do combustível nos postos. A credibilidade do produto foi abalada e, com isso, a partir da década de 1990, as pessoas passaram a comprar carros movidos, exclusivamente, à gasolina.

O cenário começou a ser revertido apenas em 2003, com o surgimento dos veículos *flex fuel*, que rodam com ambos os combustíveis (álcool e gasolina). A partir dessa época, o setor sucroalcooleiro voltou a se expandir, especialmente no Estado de São Paulo.

Nesse mesmo período, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) divulgou que, nos canaviais, durante os períodos de queimada, havia níveis alarmantes de poluição, medidos através da concentração dos gases monóxido de carbono e ozônio.

Devido a pressões do governo e da população, que buscavam impedir a prática da queima da palha, foram criadas normas públicas federais e no Estado de São Paulo que

previam eliminá-la gradativamente. Em São Paulo, a Lei Estadual nº 11.241/02 estabeleceu que as queimadas deveriam ser extintas até 2031 em áreas não mecanizáveis (declividade acima de 12%) e até 2021 em áreas mecanizáveis (declividade abaixo de 12%).

Em 2007, o Governador de São Paulo, os Secretários de Estado do Meio Ambiente e de Agricultura e Abastecimento e os presidentes da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) e da Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil (Orplana) assinaram um termo chamado de Protocolo Agroambiental, estipulando, entre outras ações ambientais, a antecipação do prazo legal da queima da palha da cana-de-açúcar (Lei Estadual nº 11.241/02) para 2014, em vez de 2021, em áreas mecanizáveis, e para 2017, e não mais em 2031, em áreas não mecanizáveis.

Desde então, as áreas produtoras de cana do Estado de São Paulo vêm, a cada ano, reduzindo a porcentagem de corte manual em suas lavouras e adotando o corte mecanizado de cana crua, com o uso de colhedoras de cana. Segundo a Unica, todos as que aderiram ao Protocolo (173 usinas e mais de 5.400 fornecedores por meio de 29 associações) chegaram a 2014 com as metas plenamente cumpridas.

Moraes (2007)⁶ relata que “[...] esse novo processo altera o perfil do empregado e cria oportunidades para tratoristas, motoristas, mecânicos, operador de colhedoras, técnicos em eletrônica, dentre outros”. O autor também afirma que esse processo “[...] reduz, em maior proporção, a demanda dos empregados de baixa escolaridade, expulsando-os da atividade”.

Moraes, Figueiredo e Oliveira (2009)⁷ apontam que, devido a essa legislação, grande parte desta mão de obra estará sem emprego no corte da cana-de-açúcar, num futuro próximo.

Diante deste cenário, uma questão relevante refere-se à grande proporção de trabalhadores migrantes, os quais, em sua grande maioria, além da baixa escolaridade, não têm qualificação para trabalhar em outras ocupações, dificultando a recolocação no mercado de trabalho, incluindo a colheita mecanizada. Considerando-se a falta de oportunidade e a pobreza nas regiões de origem, surge uma preocupação em relação ao futuro destes trabalhadores neste novo cenário: eles continuarão saindo das suas regiões e vindo para o Estado de São Paulo, mesmo sabendo que as usinas não contratarão trabalhadores para o corte de cana? Uma vez que isso de fato aconteça, seria necessário conhecer quais os possíveis impactos econômicos e sociais decorrentes da presença destes trabalhadores nas cidades de destino. (MORAES; FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2009)⁸

⁶ Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ecoa/article/view/968/980>> Acesso em: 30 julho 2014.

⁷ Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/rea/n2/rea2-2-09.pdf>> Acesso em: 30 julho 2014.

⁸ Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/rea/n2/rea2-2-09.pdf>> Acesso em: 30 julho 2014.

2 OBJETIVO

O objetivo principal deste trabalho foi expor as consequências da substituição do homem pela máquina. Buscou-se mapear os impactos sociais decorrentes da chegada de colhedoras automatizadas aos canaviais e, conseqüentemente, do fim do corte manual, na cidade de Pontal, cuja economia, desde a década de 1970, gira impulsionada pelas usinas de cana e pelos milhares de boias-frias de todo o Brasil que buscavam trabalho no campo. Como objetivo secundário, o documentário visa uma discussão mais ampla sobre os benefícios e malefícios da tecnificação para a sociedade, principalmente para trabalhadores com pouca ou nenhuma instrução escolar.

3 JUSTIFICATIVA

A partir das décadas de 1950/60, mineiros, baianos e paranaenses começaram a migrar sazonalmente para o interior paulista em busca de trabalho no corte da cana, devido ao fato de que, naquela época, as usinas do Estado de São Paulo haviam se fortalecido, ultrapassando a produção de cana-de-açúcar do Nordeste.

A partir de 2000, os maranhenses e os piauienses passaram a integrar esse grupo de trabalhadores.

Os maranhenses e piauienses também são migrantes como os mineiros e baianos. Chegam sem a destreza e habilidade no corte como os que já vieram em outras safras, mas estão dispostos a aprender, porque têm de sobreviver, assim como suas famílias, nas regiões de origem, que deles dependem. O corte da cana é por eles encarado como a única possibilidade de driblarem a fome e de conseguirem um trabalho de maior prazo, com salários superiores aos de suas regiões de origem. Segundo informações da Pastoral do Migrante, a safra de 2001 foi a segunda em que chegaram maranhenses e piauienses para o corte de cana naquela região. Eram menos de 100 maranhenses na cidade de Guariba e uns 300 em Dumont, uma outra cidade dormitório localizada na região de Ribeirão Preto. Os piauienses chegaram em menor número em Guariba, eles se dirigiram mais fortemente para os municípios canavieiros mais ao norte, como Orlândia, Serra Azul e algumas outras cidades da Macrorregião de Ribeirão Preto. (ALVES; NOVAES, 2007)⁹

Pertencente à macrorregião de Ribeirão Preto, o município de Pontal, localizado a 357 km da capital paulista, escolhido como objeto de estudo, foi uma das cidades que receberam essa intensa migração. Sua localização foi um dos motivos que atraíram a massa de trabalhadores, já que o município é rodeado por sete usinas de cana. São elas: Albertina

⁹ Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/1735/1414>> Acesso em: 30 julho 2014.

(5 km de Pontal); Carolo (1,5 km); Santa Elisa (15,5 km), do Grupo Biosev; Santa Inês (9,4 km), pertencente à Virálcool; Bela Vista (12 km) e Bazan (7,7 km), ambas do Grupo Bazan; e Santo Antônio (22 km). Entre essas unidades, apenas a Usina Albertina não estava em funcionamento em 2014 – foi fechada em 2010.

A migração fez com que a população de Pontal dobrasse em 20 anos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1991 a 2010, o município saiu de 22.805 habitantes para 40.244. Segundo o censo demográfico 2000, também do IBGE, naquele ano a população de Pontal registrava em torno de 29 mil habitantes. Desses, cerca de oito mil não eram nascidos no município – parcela que, em sua maioria, era proveniente dos estados de Minas Gerais e Bahia.

Com base nos dados acima, permite-se afirmar que Pontal sempre “sinalizou” para os migrantes a existência de empregos agrícolas no corte manual da cana-de-açúcar que, até a introdução da colheita mecanizada, absorvia importante contingente de mão de obra de baixa escolaridade. A massa recém-chegada de milhares de pessoas possibilitou, também, o desenvolvimento econômico do município, cujas atividades, especialmente a comercial, passaram a girar em torno dos negócios da cana.

Moraes, Figueiredo e Oliveira (2009)¹⁰ levantam preocupação sobre o futuro destes trabalhadores e das cidades que os abrigavam.

Considerando-se a falta de oportunidade e a pobreza nas regiões de origem, surge uma preocupação em relação ao futuro destes trabalhadores neste novo cenário: eles continuarão saindo das suas regiões e vindo para o Estado de São Paulo, mesmo sabendo que as usinas não contratarão trabalhadores para o corte da cana? Uma vez que isto de fato aconteça, seria necessário conhecer quais os possíveis impactos econômicos e sociais decorrentes da presença destes trabalhadores nas cidades de destino. (MORAES; FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2009)¹¹

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de produção do documentário passou por quatro fases, sendo elas: pesquisa, captação, roteiro/edição e finalização.

O ponto de partida foi a pesquisa em literatura específica sobre a cultura da cana-de-açúcar no Brasil e o desenvolvimento do setor sucroenergético. Logo após, foi criado um esboço do que viria ser o roteiro, para que fossem escolhidas as fontes necessárias para narrar a história desejada.

¹⁰ Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/rea/n2/rea2-2-09.pdf> Acesso em: 30 julho 2014.

¹¹ Disponível em: <ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/rea/n2/rea2-2-09.pdf> Acesso em: 30 julho 2014.

As entrevistas, que compõem a parte principal do documentário, foram feitas sem que houvesse a interrupção do fluxo de pensamento do entrevistado.

Deixe-o responder cada questão completamente, interrompendo-o somente se estiver fugindo muito do assunto ou sendo muito prolixo. Entrevistas e depoimentos são as principais fontes para a produção de um bom documentário, mas não devem ser demasiadamente longos, a ponto de se tornarem chatos, nem curtos demais. Esse meio termo pode ser atingido na hora da entrevista ou mais tarde, na ilha de edição. (LUCENA, 2012, p. 55)

Durante as gravações, foram usados vários enquadramentos e movimentos de câmera para uma estética de qualidade. Para as entrevistas, foi definida a câmera parada em enquadramentos de plano médio, americano e aberto. Para as captações de ambientes, a câmera girou em seu próprio eixo, tanto horizontalmente como verticalmente, em movimentos conhecidos como panorâmicas. Para Lucena (2012, p. 72), “[...] os movimentos transmitem emoções, comunicam ideias. Em sincronia com a música, constituem uma forma de narrativa expressiva que provoca inúmeras reações e sensações”.

Os planos de imagem utilizados também foram feitos com critério. Os planos gerais tiveram caráter informativo, descrevendo as situações e ambientes, enquanto os planos fechados procuraram acentuar as emoções.

Após o final das captações, começou a criação do roteiro de edição e, em seguida, a edição, com posterior finalização do material.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a realização do projeto, foi escolhido o documentário em vídeo, objetivando o uso das informações faladas e imagéticas. A modalidade escolhida foi a do documentário de representação social. Segundo Nichols (2012), esse tipo representa, de forma tangível, aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos, através das visões do documentarista. Esse modelo permitiu documentar comentários de boias-frias, de autoridades e comerciantes de Pontal (objeto de estudo do documentário) e de fontes oficiais do setor sucroalcooleiro sobre as causas e consequências da mecanização na colheita da cana. Dessa forma, deu-se a oportunidade para que houvesse a manifestação de opiniões sobre essa nova realidade na lavoura canavieira.

Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações [dos entrevistados], seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os

documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (NICHOLS, 2012, p.27)

O documentário mostra como os comerciantes de Pontal foram prejudicados com a interrupção do corte manual da cana-de-açúcar, já que houve diminuição do número de boias-frias no município. Também documenta o medo do desemprego dos cortadores e a falta de boas expectativas de trabalho futuro.

Para isso, foram documentadas as explicações de fontes oficiais relacionadas ao setor sucroalcooleiro sobre a substituição do homem pela máquina, os relatos de boias-frias diante da nova situação de trabalho, ou da falta dele, bem como as declarações de comerciantes e autoridades de Pontal sobre o decréscimo de vendas ocorrido após as demissões de trabalhadores rurais.

Todo o roteiro foi pensado com a preocupação de manter o público interessado ao longo da produção, estruturado com início, meio e fim definidos. Foram seguidas as regras mencionadas por Lucena (2012), como uma abertura que indica o tema que será tratado e um encerramento que deixa para que o espectador tire suas próprias conclusões sobre os fatos apresentados.

No começo do roteiro você deve expor o tema, fazendo que uma expectativa seja criada. Definir um bom começo, com uma cena que indique muito bem o tema a ser tratado, é um ótimo caminho para evitar o artifício comum e simplista de usar clipes com uma série de cenas relacionadas para introduzir o assunto. Assim, nessa parte inicial, insira uma breve apresentação do tema, se possível com uma imagem ou declaração forte, podendo ser retomadas mais tarde. (...) No meio do roteiro/filme, devem-se apresentar os desdobramentos da proposta inicial, as informações que vão manter o público interessado. Na parte central são exploradas tanto as confirmações como os conflitos, as contradições, com a exposição de posições a favor e contra a proposta apresenta no início – por isso, nunca se restrinja a uma opinião única; (...) Na parte final devem ser mostrados os resultados de tudo que foi apresentado, com destaque para o modo como os elementos de conflito foram tratados e para o que podem deixar de significativo. (LUCENA, 2012, p. 40-41)

Optou-se por não utilizar a presença do narrador. Dessa forma, os depoimentos foram alinhados uns aos outros sem a necessidade de uma voz exterior que os conduzisse e lhes desse coerência. A história é contada a partir de diversos pontos de vistas diferentes, mas que seguiram um raciocínio e sequência lógicos em todo o documentário.

Isso não quer dizer que um documentário sem locutor não seja um discurso coerente. Nesses casos, a coerência, o sentido, manifesta-se na seleção e encadeamento dos depoimentos que compõem a narrativa. Em

documentários compostos por sequencializações de depoimentos é muito comum a existência de paráfrases sob a voz de sujeitos diversos. Temos um sujeito A que introduz uma informação e um sujeito B que, à sua maneira, irá repetir ou se contrapor à informação que já havia sido anunciada por A. Nesse contexto, observamos que os hetero e autoparaphraseamentos tornam-se indispensáveis para dar coesividade ao texto, criando um elo entre depoimentos isolados que ao serem postos em sequência dão unidade à narrativa (MELO, 2002)¹²

O critério na escolha da trilha sonora do documentário foi de utilizar as músicas como unidade narrativa, e não apenas como sonorização plástica. Portanto, a trilha suave, na maioria músicas do gênero moda de viola, nas cenas envolvendo o cortador de cana, contrasta com a trilha pesada, com músicas do gênero *rock*, nas cenas com as colhedoras mecanizadas, expondo a opinião dos documentaristas de que a máquina impõe a sua modernidade em cima da singeleza do boia-fria.

A opção na palheta de cores seguiu a mesma linha de raciocínio, criando contrastes entre os diferentes tipos de colheita. Nas imagens de corte manual, foi aplicado o efeito sépia, que visa dar um tom de envelhecimento à imagem, e, em outras, a retirada total do colorido, para mostrar o declínio da profissão do boia-fria. Já nas imagens de colheita mecanizada, as cores foram realçadas, dando mais brilho e vida. O objetivo foi mostrar a força das colhedoras nesse novo cenário no canavial e sua atualidade para a colheita da planta.

O produto final é um videodocumentário intitulado “Na era das máquinas: o declínio do boia-fria”, colorido, com qualidade *Full High Definition (Full HD)*, formato de tela 16:9 e com a duração de 27 minutos.

6 CONSIDERAÇÕES

Desenvolvido como parte das atividades obrigatórias de um componente curricular, o projeto favoreceu um processo de ensino-aprendizagem observado desde as discussões do grupo para a escolha do tema e a elaboração do problema de pesquisa até a construção de conhecimentos envolvendo o processo de produção do documentário audiovisual.

Ficou claro, durante a produção do documentário, que a mecanização da colheita de cana-de-açúcar afetou a cidade de Pontal, que teve seu desenvolvimento intimamente ligado à intensa migração de trabalhadores rurais ao longo das últimas décadas. O município, inclusive, chegava a registrar um aumento de 20% a 30% em sua população durante o

¹² Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/download/24168/14059> Acesso em: 31 julho 2014.

período da safra canavieira. Essa massa de trabalhadores impulsionava a economia do município, aumentando as vendas de bares, mercearias, supermercados e magazines em até 35%.

Com a crescente substituição do homem pela máquina, o número de cortadores que chega a Pontal diminuiu consideravelmente, prejudicando, portanto, o comércio da cidade, que teve um decréscimo nas vendas, e a economia de forma geral, pois, sem vendas, as lojas tendem a diminuir seus quadros de funcionários.

Com relação à figura do boia-fria, foi observado que esta já surge, desde seus primórdios, com o estigma de inferiorização, já que o trabalho se iniciou na época da escravidão e era realizado pelos escravos africanos. A condição social em que o cortador de cana se encontra é, segundo Bourdieu, a de dominado, não pela violência bruta, mas pela violência simbólica, da coação espiritual sobre as consciências. O boia-fria, portanto, é o espelho das suas condições de produção, que o desqualificam como ser humano atuante e que o reduz a um ser inferiorizado perante a comparação de seu trabalho com uma máquina, no caso, a colhedora de cana, fazendo-o vítima de um poder também simbólico.

[...] o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder (...) capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU, 1989, p. 12)

As condições de trabalho degradantes vividas pelos cortadores de cana ao longo dos séculos os tornaram alienados, que passam a suportar as atividades, apreciando-as e suportando-as devido à sua história. A dominação exercida na forma de poder simbólico utiliza-se de diferentes mecanismos, como o estabelecimento de tradições, histórias, hábitos, rituais, práticas, regras e ainda outras mais sofisticadas e subliminares, envolvendo o processo de comunicação, para garantir a sua eficácia nos dominados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco José da Costa; NOVAES, José Roberto. **Migrantes** - trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EDUFSCAR, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/1735/1414>> Acesso em: 30 julho 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Adelino. **Cana-de-açúcar**: álcool e açúcar na história e no desenvolvimento social do Brasil. Brasília: Horizonte, 1985.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>> Acesso em 6 agosto 2014.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**. Conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus, 2012.

MELO, Cristina Teixeira Vieira De. **O Documentário como Gênero Audiovisual**. Comun. Inf., v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan/dez. 2002. Disponível em: <www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/download/24168/14059> Acesso em: 31 julho 2014.

MORAES, Márcia Azanha Ferraz Dias De. **O mercado de trabalho da agroindústria canavieira**: desafios e oportunidades. Economia Aplicada, São Paulo, v.11, n. 4, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ecoa/article/view/968/980>> Acesso em: 30 julho 2014.

MORAES, Márcia Azanha Ferraz Dias De; FIGUEIREDO, Margarida Garcia De; OLIVEIRA, Fabíola Cristina Ribeiro. **Migração de trabalhadores na lavoura canavieira paulista**: uma investigação dos impactos socioeconômicos nas cidades de Pedra Branca, Estado do Ceará, de Leme, Estado de São Paulo. Revista de Economia Agrícola, v. 56, n. 2, p. 21-35, jul./dez. 2009. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/rea/n2/rea2-2-09.pdf>> Acesso em: 30 julho 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: *Mônica Saddy Martins*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.